UFMG

Boletim

Nº 2.017 - Ano 44 - 21 de maio de 2018

Criação Cedecom

VELHICE MALNUTRIDA

Duas pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Ciência de Alimentos, da Faculdade de Farmácia, identificaram falhas em todas as etapas e aspectos que envolvem a preparação e a administração de refeições na rede de instituições de assistência a idosos em Belo Horizonte. Apenas estabelecimentos de grande porte, que abrigam ao menos 50 pessoas, contam com nutricionista contratado para acompanhar a produção e transporte dos alimentos.

Páginas 4 e 5

Estudo do ICB analisa variáveis genéticas que afetam a eficácia de medicamentos

Página 3

MUSEUS HIPERCONECTADOS*

Ana Cecília Rocha Veiga**

Como expor em um dos museus mais famosos do mundo sem autorização? Realidade aumentada! Oito artistas causaram alvoroço no MoMA de Nova York "interagindo" com a galeria de Pollock. Por meio de um aplicativo (não oficial) do museu, os visitantes visualizavam as intervenções virtuais, que surgiam na tela se superpondo à imagem das obras de arte capturadas pelas câmeras do celular.

Com o provocativo título de *Hello, we're from the internet*, o coletivo MoMAR protestava, nessa intervenção de guerrilha, contra o elitismo na arte. Sem estabelecer crítica ao mérito da proposta, o episódio nos leva a constatar que a invasão do digital nos museus ocorrerá com o consentimento ou não da instituição. Museus virtuais, coleções on-line, acervos digitalizados, aplicativos de mediação, softwares de gestão e comunicação, interfaces e expositores interativos, jogos e artes eletrônicas... Somos uma sociedade hiperconectada, e a revolução digital nos museus é um simples reflexo dessa realidade. Esse contexto inexorável suscita temores, vantagens e desafios.

O virtual vai destituir a importância do real? Do mesmo modo como as técnicas de reprodução de imagem não foram capazes de diminuir nosso interesse pelo original, a virtualidade não destronará o desejo de materialidade que habita em nós. Assim como a fotografia de uma taça de vinho não embriaga o paladar, a Internet apenas abrirá o nosso apetite pela cultura material. As antecipações e os conhecimentos proporcionados pelo virtual potencializam o real, despertam nossos sentidos para a experiência presencial, atuando como ponte rumo a essa vivência.

A conexão digital em museus resulta em grandes benefícios. O usuário, antes passivo, agora pode construir o seu caminho e deixar sua pegada, por meio de comentários em blogs e sites de museus, redes sociais ou recursos como legendas coletivas on-line. Os conteúdos, até então emoldurados pelas questões de espaço e design expográfico, são transmitidos de forma inovadora e ilimitada – em qualquer língua, adequados a quaisquer idades e níveis de conhecimento, por meio de qualquer mídia, acessível a pessoas com qualquer deficiência: basta o visitante informar ao aplicativo do museu as características do seu perfil pessoal para obter vídeos, legendas e textos adequados para si e até mesmo customizados por algoritmos.

A gamificação da vida, aplicada ao ambiente cultural, aumenta o engajamento do visitante e conquista em especial as novas gerações, que encaram o virtual com a mesma naturalidade com que nós outrora aprendemos a lidar com o carro ou com a televisão – tecnologias que já foram, um dia, igualmente ameaçadoras.

Não obstante os bônus, precisamos reconhecer os inúmeros desafios impostos pela hiperconexão museal. A minha geração, que teve uma infância analógica, uma adolescência digital e uma maturidade virtual, talvez seja a mais suscetível ao deslumbramento. Esse fascínio pode redundar em decisões temerárias e consequências para a função social e para a sustentabilidade dos nossos museus.

Incorporar tecnologias digitais ao cotidiano de uma exposição significa se preparar para uma mudança radical de paradigma das organizações, que impacta quase todos os aspectos e setores da instituição. Da gestão ao orçamento: tudo precisa ser constantemente revisitado em uma velocidade nada habitual até então. Não basta mais simplesmente acender a luz e abrir as portas. Um museu tecnológico implica considerável investimento de recursos e energia na criação, operação, manutenção e constante atualização dos conteúdos e equipamentos. Construir, ainda, um canal virtual de comunicação com o usuário significa gerir e mediar esse contato, exigindo a estruturação de setores dedicados e a contratação de pessoal especializado.

Indo além: o continente altera o conteúdo, ou seja, o frasco determina a forma do líquido. O texto de museu, com suas velhas roupagens impressas, não "caem assim tão bem" no suporte digital. Seria o caso de desenvolvermos um novo gênero? *Expowriting* ou *exhiwriting*, talvez: o texto digital dos museus virtuais, adequado aos contextos expositivos de aplicativos e websites. Curadores, museólogos e educadores teriam, então, de aprender novas técnicas, como UX writing e ferramentas de SEO (*Search Engine Optimization*), que melhoram o ranqueamento de um site nos resultados de busca de mecanismos como o Google. Afinal de contas, escrever para letras coladas na parede é completamente diferente de redigir para a web.

Por fim, a tecnologia não é inócua nem neutra: todo design é intencional. Quais os parâmetros éticos para a incorporação de estratégias de persuasão e engajamento nos *gadgets* que povoarão nossos museus? Como lidar com os "restos mortais digitais" de pessoas falecidas ou do passado individual daqueles que preferem ser esquecidos? De que maneira serão utilizados os dados dos usuários coletados nessas formas de interação digital? Em que medida a tecnologia exclui mais do que inclui? Distrai mais do que informa? Substitui o acervo mais do que o valoriza? São inúmeros os desafios e questionamentos.

Não obstante, urge lidarmos com tudo isso agora, o quanto antes e mais do que nunca. Impedir o avanço das tecnologias digitais é como tentar conter uma onda do mar: todo esforço é vão. Profissionais dos museus, preparem-se! Os piratas virtuais já invadiram a nossa praia.

*Artigo originalmente publicado no Portal UFMG, em 10/5/2018

**Professora do Curso de Museologia da Escola de Ciência da Informação

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

MEDICAMENTOS e ANCESTRALIDADE

Estudo da UFMG faz detalhada revisão sobre a prevalência de variáveis genéticas que interferem na eficácia dos fármacos mais usados no Brasil

Matheus Espíndola

Ciência que estuda as diferenças de respostas a medicamentos observadas entre indivíduos, a farmacogenética revela que, a despeito dos mais de 500 anos de miscigenação, ainda são registradas variações significativas em relação à eficácia dos fármacos mais usados no Brasil entre grupos predominantemente brancos, indígenas e negros.

Essa conclusão é reforçada em artigo publicado neste mês no mais conceituado periódico na área de farmacogenômica – The Pharmacogenomics Journal – pelo professor Eduardo Tarazona Santos, do Departamento de Biologia Geral do ICB, e pela doutoranda Fernanda Rodrigues Soares, também do ICB, além dos pesquisadores Fernanda Kehdy, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/RJ), e Adrián Llerena, da Universidade de Extremadura (Espanha).

Foca Lisboa/UFMG

Tarazona: farmacogenética como base para formulação de políticas de medicamentos

"Trata-se de uma completa revisão sobre a prevalência de variantes genéticas que afetam a eficácia terapêutica e a aparição de efeitos adversos ao uso dos fármacos mais usados no Brasil", explica Tarazona. Ao longo do trabalho de pesquisa que o professor classificou de "monumental", foram revisados todos os artigos publicados, desde 1968, sobre o tema. Ao volume inicial de cerca de 1300 artigos, como relata Eduardo Tarazona, foi aplicada uma série de filtros, principalmente para distinguir as informações replicadas, chegando a 120 publicações relevantes.

Variações genéticas entre negros e brancos, por exemplo, são responsáveis pela frequência diferente de efeitos adversos provocados pela sinvastatina, usada no tratamento do colesterol, e da warfarina, que combate a trombose. Também em razão da genética, medicamentos como o imunossupressor tacrolimus, usado para reduzir o risco de rejeição do organismo a órgãos transplantados, precisam ser ministrados em dosagens diferenciadas para indivíduos brancos e negros. "A variante de um gene determina que 65% dos pacientes negros necessitam de uma dosagem dupla. Entre os brancos, essa frequência é de 34%", compara Tarazona. Segundo o professor, essa informação, junto com a análise de cada indivíduo para a variante genética em questão, deve ser usada pelo clínico para prescrever a dosagem.

Medicina de precisão

Como relata o professor, a farmacogenética é relativamente antiga, mas só tem ganhado força nos últimos anos. "Desde meados do século passado, já havia pesquisas sobre a resposta de genótipos diferentes ao tratamento da tuberculose. Nos anos 1970 e 1980, essa base de estudo ainda não era frequente, mas hoje podemos nos dedicar, a um custo muito menor, à 'medicina de precisão', que considera a individualidade do paciente para a prescrição do fármaco certo", comenta.

A farmacogenética, segundo o professor, deve gerar conhecimento que sirva de base para a formulação das políticas de medicamentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). "Assim, no nível epidemiológico, o fornecimento local de fármacos seria orientado de acordo com a prevalência de grupos populacionais. Para o profissional de saúde pode ser importante saber se um paciente se autodeclara negro ou branco, por exemplo", esclarece Tarazona, ressaltando, no entanto, que o ideal seria fazer a genotipagem de cada paciente, independentemente da autoclassificação racial, já que um indivíduo branco pode ter características genéticas de negro e vice-versa.

Na visão do professor do ICB, as pesquisas devem se aprofundar nas particularidades genéticas das populações de negros e indígenas brasileiros, sobre as quais se sabe menos, uma vez que têm menos acesso aos serviços de saúde. Citando o exemplo da produção do fármaco sinvastatina, o professor do ICB conta que estudos brasileiros recentes demonstraram a presença de variantes que causam reações adversas em 15% dos europeus e 30% dos indígenas americanos. "Como os testes iniciais haviam sido feitos apenas na Europa, o fármaco passou a ser amplamente usado. Mas se tivesse sido testado em outra população, poderia não ter chegado ao mercado", supõe.

O trabalho foi elaborado em conjunto pela Rede Iberoamericana de Farmacogenética (Ribef) e pelo projeto Epigen-Brasil, que estuda a diversidade genômica e o padrão de doenças nas coortes populacionais brasileiras de Salvador (BA), Bambuí (MG) e Pelotas (RS), acompanhadas por pesquisadores nacionais há mais de 30 anos.

Mas informações sobre o projeto Epigen-Brasil podem ser consultadas no site *epigen.grude.ufmg.br*. A íntegra do artigo está disponível no link *go.nature.com/2I5AHYf*.

PROBLEMAS na **COZINHA**

Pesquisas encontram falhas na qualidade sanitária dos alimentos e na assistência nutricional a idosos em instituições de acolhimento

Itamar Rigueira Jr.

Os idosos não estão sendo bem tratados nas instituições de acolhimento em Belo Horizonte – ao menos no que se refere à gestão de alimentos e de nutrição. É o que concluem pesquisas recém-defendidas na pós-graduação em Ciência de Alimentos, da Faculdade de Farmácia, que mostram falhas em todas as etapas e aspectos que envolvem a preparação e a administração de refeições aos usuários da rede, formada por instituições privadas e filantrópicas.

"Não há profissionalismo. As instituições herdam a infraestrutura e os hábitos domésticos", afirma a engenheira de alimentos Alice Rossi Barbosa, que avaliou as condições higiênico-sanitárias das chamadas unidades de alimentação e nutrição de 33 instituições de longa permanência para idosos na capital.

Alice começou a perceber o que a esperava na trajetória da pesquisa quando não encontrou endereços e CNPJ de diversas casas de idosos registradas pela Prefeitura. E algumas instituições procuradas por ela se recusaram a abrir suas instalações e procedimentos para o estudo. "Não existe o entendimento de que uma pesquisa acadêmica pode contribuir para a melhoria das práticas", diz Alice, que passou um dia em cada uma das casas para acompanhar o trabalho relativo à alimentação dos moradores, sobretudo na hora do almoço.

Foca Lisboa/UFMG

Alice Rossi: cozinhas mal são adaptadas para práticas seguras

Sem adaptações

Com base em critérios estabelecidos pela legislação que rege a qualidade higiênico-sanitária em serviços de alimentação no Brasil, a pesquisadora constatou que apenas uma das instituições visitadas por ela cumpre de maneira aceitável os requisitos operacionais que interferem de forma mais significativa na segurança dos alimentos. As outras têm situação precária ou inaceitável. Exemplo: só as instituições de grande porte, que abrigam 50 idosos ou mais, contam com nutricionista contratado para acompanhar produção e transporte dos alimentos, além da preparação e práticas dos manipuladores, entre outros aspectos.

"As cozinhas não são adaptadas para práticas seguras: em geral há poucas bancadas para manipulação, não há coifas para reduzir a temperatura ambiente nem telas nas janelas e portas para evitar o acesso de insetos, ratos e baratas", revela a pesquisadora. A ausência de procedimentos de higienização e de produtos básicos, como álcool apropriado, sabão e toalhas de papel, em banheiros e áreas de manipulação, também refletem, segundo Alice, falta de acompanhamento profissional.

Em outras etapas do processo, Alice Rossi encontrou carne sem indicação de validade e em temperatura inadequada. "Muitas vezes, os proprietários ou gerentes fazem as compras e deixam os alimentos por horas a fio dentro do carro. É importante que procedimentos, horários, temperaturas sejam registrados", diz a pesquisadora, ressalvando que também presenciou atitudes adequadas na maioria das casas, como a manipulação por poucas pessoas na hora de servir as refeições. Como muitos idosos têm hábitos higiênicos impróprios, é mesmo recomendável que eles não tenham contato com a comida que será servida a todos.

De acordo com a pesquisadora, os lares para idosos têm sistema de gerenciamento peculiar, e sua regulação e fiscalização devem levar isso em consideração. "Eles servem muitas refeições em tempo curto, com organização diferente de outros estabelecimentos, e esse aspecto não pode ser ignorado, porque aumenta os riscos à população mais suscetível a doenças transmitidas por alimentos", diz Alice Rossi, acrescentando que as instituições de natureza filantrópica apresentaram resultados melhores que as privadas, porque os convênios implicam maior frequência do poder público.

Desnutrição e dependência

A pesquisa da nutricionista Isabella Ribeiro de Souza, por sua vez, é focada na assistência alimentar e no estado nutricional dos idosos institucionalizados. Os resultados mostram que 49,5% deles são desnutridos, e 50% sofrem com perda de massa muscular. A avaliação da capacidade funcional constatou inadequação em 73,3% dos idosos, e a maioria deles (60,4%) apresentou algum grau de dependência para atividades cotidianas.

Os dados de consumo alimentar demonstraram ingestão proteica e calórica inadequada em 88,3% e 55% respectivamente. Os teores de vitaminas D e B_6, cálcio, magnésio e zinco estavam impróprios para mais de 80,0% dos idosos, enquanto o consumo de fibras, potássio e folato foi insuficiente para todos os idosos avaliados, o que indica a baixa ingestão de alimentos como frutas, verduras e oleaginosas.

Isabella acompanhou, por três dias, a rotina de quatro instituições da capital, escolhidas aleatoriamente. O estudo incluiu a análise da situação de 111 pessoas, a maioria mulheres. "Em nenhuma dessas casas há um profissional responsável, ainda que a lei preveja assistência nutricional nessas instituições. Esse é um fator de risco, visto que os idosos são vulneráveis quanto a hábitos alimentares e, quase sempre, necessitam de modificações dietéticas para o atendimento de suas necessidades nutricionais."

Frituras e monotonia

O estudo constatou a prevalência de refeições ricas em frituras, alimentos industrializados, preparações monótonas e repetitivas. "Além disso, o tratamento não é individualizado, ou seja, as refeições não são servidas de acordo com o estado nutricional e as necessidades de cada pessoa", afirma a pesquisadora. A falta de padronização das dietas para atender a idosos diabéticos e àqueles que deviam ter alguma alimentação especial foi também observada em todas as instituições avaliadas. Os testes de aceitabilidade revelaram a baixa qualidade das refeições servidas e a necessidade de modificações nos cardápios e nas preparações.

A pesquisadora constatou também que as doações recebidas nessas instituições eram inadequadas, ou seja, compostas de muitos alimentos processados e industrializados. Isso comprova a necessidade de ações de educação nutricional para conscientizar a população sobre quais alimentos devem ser doados para as instituições.

"Se levarmos em consideração que a população envelhece rapidamente e que essas instituições são cada vez mais necessárias, os resultados da pesquisa reforçam que devem ser adotadas políticas públicas que levem à melhoria da assistência nutricional aos idosos. E a presença do nutricionista é essencial para adaptar e individualizar os cuidados, melhorando a qualidade de vida do idoso institucionalizado", enfatiza Isabella.

Regras mais simples

A pesquisa de Isabella Ribeiro inicialmente esteve vinculada também a um projeto de extensão, o Observatório de Metabolismo e Nutrição, da Faculdade de Medicina, e passou a ser orientada pela professora Maria Isabel Correia, do Departamento de Cirurgia. "Há grande carência relacionada à avaliação do estado nutricional de idosos, daí a importância desse trabalho. Quando deparamos com os ambientes e procedimentos de preparação dos alimentos, constatamos que havia muito a fazer também nessa área. Aí entra a dissertação da Alice", conta a professora aposentada, que ainda atua voluntariamente, tanto na graduação como na pós.

Segundo Isabel Correia, as duas pesquisas são bons exemplos de trabalhos de baixo custo e com impacto significativo para a sociedade – o que é relevante, ela lembra, em tempos de parcos recursos disponíveis para a investigação científica. Ela pretende levar os resultados para a Secretaria de Assistência Social de Belo Horizonte.

"É preciso que essas informações cheguem às famílias, porque se trata de qualidade de assistência e de serviços destinados a grupos vulneráveis", diz a professora, que cursou doutorado na USP e pós-doutorado na Pittsburgh University (EUA), sempre com foco na relação entre cirurgia e nutrição. "A prestação desses serviços deve ser baseada em regras menos numerosas e mais simples. E, claro, é fundamental auditar", completa Isabel Correia.

Júlia Duarte/UFMG

Isabella Ribeiro: refeições não respeitam estado nutricional e necessidades de cada pessoa

Dissertação: *Avaliação da qualidade sanitária de alimentos em instituições de longa permanência para idosos no município de Belo Horizonte*

Autora: Alice Rossi Barbosa

Dissertação: *Diagnóstico de assistência alimentar e do estado nutricional de idosos em instituições de longa permanência de Belo Horizonte*

Autora: Isabella Ribeiro de Souza

Orientadora: Maria Isabel Toulson Davisson Correia

Programa de Pós-graduação em Ciência de Alimentos

Mistérios **ILUMINADOS**

Selo da Editora UFMG lança livro infantojuvenil que aborda fenômenos relacionados à luz

Ewerton Martins Ribeiro

O selo Estraladabão, da Editora UFMG, acaba de lançar o livro *Um dia luminoso*, de autoria de Adlane Vilas-Boas, professora do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), e do arte-educador Fabrício Fidélis. A obra conta a história de Jéssica, "uma criança como outra qualquer e que soube sonhar e seguir os seus sonhos". Na trama, ela busca respostas para mistérios científicos relacionados à luz e à natureza.

Reprodução

"Eu tinha sido contemplada em um edital de divulgação científica do CNPq e do Instituto Tim para o ano internacional da luz, em 2015, na categoria em que se visava contemplar crianças de seis a dez anos. Foi aí que surgiu a ideia de criar um livro interativo", explica Adlane.

Adlane atuou principalmente na redação do texto, enquanto Fabrício Fidélis, que atua há 15 anos em escolas da rede municipal de Belo Horizonte, concentrou-se na criação da protagonista e na roteirização da história. Fidélis foi orientando de Adlane em seu mestrado, desenvolvido na Faculdade de Educação. Os alunos de Fabrício Fidelis acompanharam de perto o trabalho de concepção da obra e de sua personagem, ajudando os criadores a aproximarem a história da realidade deles.

O ponto de partida para a redação foram os textos sobre o tema – a luz e seus mistérios – que já haviam sido desenvolvidos e lançados no Ciência para Todos, programa que divulga textos de ciência nos ônibus coletivos de Belo Horizonte e Contagem. Em seguida, os criadores investiram na elaboração de uma história que unia literatura e ciência, numa abordagem lúdica de temas como fotossíntese, bioluminescência, arco-íris e eletricidade.

Literatura multimídia

A obra conta com ilustrações de Bruno Assis Fonseca, que se inspirou na Vila Acaba Mundo e no Aglomerado da Serra para criar o ambiente de periferia em que a história se passa. Segundo Adlane Vilas-Boas, o objetivo da obra é despertar na criança o interesse pela ciência e oferecer ferramentas tecnológicas acessíveis para que o processo de aprendizagem seja mais divertido.

Paralelamente ao texto, o livro conta com uma série de "QR Codes" ao longo de suas páginas. Escaneados pela câmera de um telefone celular, esses códigos são convertidos em ligações multimídias que complementam a narrativa com outros textos, músicas, vídeos, poesias e animações sobre os temas de ciência abordados.

Cerca de duas mil cópias da obra serão distribuídas gratuitamente em escolas municipais e estaduais e durante a 70ª Reunião Anual SBPC, que neste ano será realizada em Maceió. "Por questões afetivas, também enviaremos exemplares para escolas das cidades onde nascemos", conta a autora.

Um dia luminoso é indicado para crianças de 6 a 13 anos. Mais novo selo da Editora UFMG, o Estraladabão leva ao mercado obras que tratam do conhecimento científico em abordagem adaptada para o universo infantil.

Livro: *Um dia luminoso*
Autores: Adlane Vilas-Boas e Fabrício Fidélis
Ilustração: Bruno Assis Fonseca
Editora UFMG (selo Estraladabão)
32 páginas / R$ 22

Resolução

RESOLUÇÃO Nº 06/2018, DE 17 DE ABRIL DE 2018

Estabelece a composição da Congregação da Faculdade de Medicina e revoga a Resolução nº 02/2002, de 14/03/2002.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, considerando o inciso XXI do art. 13 e demais dispositivos pertinentes do Estatuto da Universidade, bem como o Parecer nº 07/2018 da Comissão de Legislação, resolve:

Art. 1º A Congregação da Faculdade de Medicina será composta:

I - pelo diretor, como presidente, com voto de qualidade, além do voto comum;

II - pelo vice-diretor;

III - pelos chefes dos departamentos;

IV - pelos coordenadores dos colegiados de cursos de graduação;

V - por representantes dos coordenadores dos colegiados de cursos de Pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado), em número igual ao dos coordenadores dos colegiados de cursos de graduação, eleitos por seus pares;

VI - por 4 (quatro) representantes dos professores titulares, eleitos por seus pares;

VII - por 6 (seis) representantes docentes não titulares, eleitos por seus pares;

VIII - pelo diretor geral do Hospital das Clínicas;

IX - por representantes do corpo técnico-administrativo em educação, eleitos por seus pares, nos termos do Estatuto e Regimento Geral da UFMG;

X - por representantes do corpo discente, nos termos do Estatuto e Regimento Geral da UFMG.

Parágrafo único. O mandato dos representantes docentes será de 2 (dois) anos, permitida a recondução.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário, em especial a Resolução 02/2002, de 14/03/2002.

Art. 3º A presente Resolução entra em vigor nesta data.

Professora Sandra Regina Goulart Almeida
Presidente do Conselho Universitário

GENÉTICA

Candidatos a apresentar trabalhos no Gene Time Conference 2018 podem submeter resumos até 1º de junho. O evento, agendado para o período de 22 a 24 de agosto, no campus Pampulha, vai comemorar os 20 anos do Programa de Pós-graduação em Genética do Instituto de Ciências Biológicas (ICB).

Serão aceitos trabalhos nas áreas de genética funcional, genética animal e humana, biotecnologia, ômicas e bioinformática, evolução, população e biodiversidade, genética forense e ensino e extensão.

As inscrições devem ser feitas em *https://genetimedivulgacao.wixsite.com/genetime*.

DIA DA ÁFRICA

O Dia da África (25 de maio) é a motivação para evento que será realizado pela primeira vez na UFMG. Iniciativa de estudantes intercambistas africanos na Universidade, que formaram o coletivo AfriCultura, o evento terá, nesta semana (23 a 25), no campus Pampulha, palestras e mesas, feira de arte e artesanato, exibição de filmes, oficinas de tranças e turbantes, dança e poesia, entre outras atividades.

O objetivo do *Dia da África: Tu Shehekee Mizizi Yetu – celebrando nossas raízes* é divulgar a cultura africana, contribuindo para desfazer preconceitos e distorções, e promover a interação dos estudantes, intercambistas e não intercambistas. Pôsteres com informações gerais de 13 países representados na Universidade servirão como "embaixadas". Mais informações estão no site da Pró-reitora de Assuntos Estudantis, que apoia o evento

BAIRROS

O programa *Panorâmica*, da TV UFMG, apresenta, até 15 de junho, documentários sobre os bairros Mangabeiras, Lagoinha, Buritis, Cidade Ozanam e Concórdia, todos de Belo Horizonte. Produzidos por alunos do primeiro período do curso de Arquitetura e Urbanismo, os filmes abordam desde o surgimento dessas áreas até sua situação atual, em diálogo com a comunidade e evocando reflexões sobre a apropriação do espaço urbano.

As produções contêm imagens de plano geral, focam arquitetura e locais icônicos e dão protagonismo aos moradores, que revelam sua rotina, fazem críticas e reivindicações. O curta sobre o Concórdia documenta a presença do congado na comunidade.

O Panorâmica é exibido no Canal Universitário (12, da NET, e 14, da OI TV), às terças (12h15), quartas, sextas (19h30) e sábados (20h). Os filmes estão disponíveis também no canal da TV UFMG no Youtube (*https://www.youtube.com/user/tvufmg*).

Lucas Braga/UFMG

Mestrado e doutorado em Produção Vegetal oferecem 22 vagas

PÓS NO ICA

O Instituto de Ciências Agrárias (ICA), no campus de Montes Claros, inscreve para pós-graduação em três cursos *stricto sensu:* Sociedade, Ambiente e Território; Produção Animal e Produção Vegetal. Todos têm vagas para mestrado, e apenas o último oferece doutorado.

Com 20 vagas, o mestrado em Sociedade, Ambiente e Território é oferecido em associação com a Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e tem duas linhas de pesquisa: *Sociedade e ambiente e Território e desenvolvimento.* As inscrições serão encerradas em 4 de junho. O Mestrado em Produção Animal (10 vagas) é dividido nas seguintes áreas: manejo e criação, nutrição e alimentação e qualidade de alimentos. As inscrições seguem até 8 de junho.

O mestrado e o doutorado em Produção Vegetal oferecem 17 e cinco vagas, respectivamente, para as linhas *Ciência e tecnologia do cultivo de plantas* e *Ciência e tecnologia de recursos ambientais e interação de plantas*. As inscrições terminam em 11 de junho. Editais e outras informações podem ser encontradas em *https://www.ica.ufmg.br/*.

REESTRUTURAÇÃO URBANA

As transformações no espaço urbano e em suas formas de governo, com enfraquecimento dos espaços democráticos de decisão, compõem o tema central do livro *Cidade Estado Capital: reestruturação urbana e resistências em Belo Horizonte, Fortaleza e São Paulo.*

A publicação apresenta os resultados da pesquisa *Financiamento do desenvolvimento urbano, planejamento, inclusão socioterritorial e justiça social nas cidades brasileiras,* realizada em 2016 e 2017, por meio de parceria dos grupos Praxis e indisciplinar, da Escola de Arquitetura da UFMG, com o LabCidade (USP) e o Lehab, da Universidade Federal do Ceará, com apoio da Fundação Ford.

A obra aborda a associação cada vez maior entre Estado e setor privado para projetos de renovação urbana implementados por meio de Parcerias Público-Privadas (PPPs), que implicam a instauração de novas formas de governança e regulação do território. O livro está disponível para download (*https://bit.ly/2k1ZBOc*).

MOBILIDADE

Em série de sessões nas unidades acadêmicas da UFMG, a Diretoria de Relações Internacionais (DRI) apresenta os programas de mobilidade internacional a alunos da graduação. Os encontros abordam a importância da mobilidade e oportunidades, por exemplo, em prestigiadas universidades da América Latina.

A UFMG realiza duas grandes chamadas anuais: no primeiro semestre, a do Programa Minas Mundi, que é baseada em acordos bilaterais e constitui o maior programa de intercâmbio internacional do Brasil; no segundo semestre, a Chamada Unificada de Habilitação, que envolve os acordos em rede e contempla os programas ibero-latino-americanos.

Algumas das unidades que receberão as sessões em breve são as escolas de Música (24 de maio), Ciência da Informação, Letras e Fafich (29 de maio) e Face (5 de junho). O calendário dos encontros e outras informações estão no site da DRI (*https://www.ufmg.br/dri/*).

FORMATANDO
o pensamento

Tese defendida na Fale aborda metáforas digitais como instrumentos cognitivos e não apenas como instrumentos de linguagem

Ewerton Martins Ribeiro

"Formatar o Brasil." "Deletar os políticos." "Desfazer uma gravidez." Há um uso crescente de parâmetros e convenções digitais para se referir a coisas que existem e ocorrem fora do ambiente virtual – ou seja, no plano real da vida cotidiana – e isso tem promovido uma complexa reformulação do modo como se pensa e se experimenta a realidade. Dito de outra forma, "estamos nos tornando cada vez mais digitais". É o que sugere a tese *Metáforas digitais do cotidiano*, recentemente defendida por Ana Elisa Costa Novais no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin) da UFMG, sob a orientação da professora Vera Lucia Menezes de Oliveira e Paiva.

A tese é resultado de investigação linguística de natureza aplicada, com abordagem qualitativa e base interpretativista, em que foram analisados 31 textos, entre peças publicitárias, estampas de camiseta, cartazes de protesto, memes, remixes, quadrinhos e cartuns, mobilizando, para isso, uma perspectiva cognitiva da linguagem. "Investigo esses textos usando a teoria da metáfora conceitual, de base cognitiva. Ela sustenta que a metáfora é um instrumento cognitivo, e não apenas um instrumento da linguagem. O que a gente vê na superfície da linguagem acaba sendo o resultado de um processamento complexo que a gente faz; o que emerge e aparece na superfície dos textos é a metáfora linguística", explica.

"Nossa paisagem comunicacional tem sido ocupada por botões de comando, mensagens de sistema, indicadores de progresso, ponteiros do mouse e outras convenções de interfaces digitais. Emergentes em textos de natureza diversa, esses recursos semióticos criados para mediar experiências digitais têm sido explorados na produção de sentido sobre nossas experiências, em diversas atividades de linguagem", explica a pesquisadora. Suas investigações de textos que usam elementos de interface gráfica – botões, janelas, caixa de mensagem – ou convenções digitais – como a opção "Ctrl + Z" – remontam a 2011, quando ela começou a perceber essas "erupções digitais no mundo físico" como fenômeno que ocupa praticamente todas as esferas da vida contemporânea, da tecnologia ao design gráfico, da moda à publicidade, da cultura bélica à cultura de consumo, da literatura às notícias.

Dado o volume que essas erupções alcançaram nos últimos anos, elas já foram até mesmo reunidas sob um rótulo teórico, denominado New Aesthetics. O termo foi cunhado nesta década pelo escritor e pesquisador James Bridle com base em suas observações da crescente aparição da linguagem visual da tecnologia digital no mundo físico, em uma espécie de entrelaçamento crescente entre dois mundos.

Júlia Duarte/UFMG

Ana Elise Novais: erupções digitais no mundo físico

CTrl+Z na vida real

Em programas de computador, a combinação de teclas "Ctrl+Z", ativada nessa ordem, possibilita que se desfaça completamente a última ação realizada, em uma espécie de volta no tempo. Em sua tese, Ana Elisa mapeia aparições metafóricas desse recurso no plano físico, fora do ambiente virtual. Um exemplo é a ideia de se "desfazer" uma gravidez ou um acidente, por exemplo, que é enunciada como se fosse possível anular, no plano físico, todo o processo, a exemplo do que ocorre no âmbito digital.

"O desfazer é uma ideia genuinamente digital", lembra Ana Elisa. Isso implica dizer que, enquanto no computador as consequências e o próprio processo de uma ação realizada desaparecem completamente quando a função "Ctrl+ Z" é ativada, no mundo físico, ainda que se "desfaça" metaforicamente algo que se tenha feito, os efeitos (ou consequências) dessa ação e de seu processo em diversos aspectos permanecem. "Fabricar novos cenários é uma habilidade que temos com o uso da linguagem", lembra a pesquisadora, chamando atenção para "o papel da tecnologia como mediadora da organização da linguagem em geral" na contemporaneidade. "Ao usar as convenções digitais para dizer sobre as coisas cotidianas, a gente está pensando por meio de parâmetros digitais", afirma.

Tese: *Metáforas digitais do cotidiano*

Autora: Ana Elisa Costa Novais

Orientadora: Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

Defesa: abril de 2018, no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

EXPEDIENTE

Reitora: Sandra Goulart Almeida – Vice-reitor: Alessandro Fernandes Moreira – Diretora de Divulgação e Comunicação Social: Maria Céres Pimenta Spínola Castro – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto Gráfico: Marcelo Lustosa – Diagramação: Romero Morais – Revisão: Cecília de Lima e Josiane Pádua – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 4,6 mil exemplares – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901,Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefone: (31) 3409-4184 – Internet: *http://www.ufmg.br* e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

UFMG

Carta
9912388766/2015DRMG
UFMG
Correios